



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Planta de Biodiesel do Grupo Bertin**

São Paulo – SP, 21 de agosto de 2007

Meu caro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Minha companheira Marisa,
Minha cara Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência
da República,

Meu caro ministro Reinhold Stephanes, da Agricultura, Agropecuária e
Abastecimento,

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Meu querido Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,
Nosso querido Dom Irineu Danelon, bispo da Arquidiocese de Lins,
Deputados federais, Abelardo Camarinha, Jorginho Maluly, doutor Ubiali,
Ricardo Berzoini,

Meu caro Waldemar Sândoli Casadei, prefeito de Lins,
Nosso querido Jorge Viana, ex-governador do Acre, que está
aprendendo como fazer biodiesel, para ver se montamos uma usina no Acre,

Meus caros deputados estaduais,
Prefeitos das cidades vizinhas, prefeitas,
Meu caro Reinaldo Bertin e senhor Silmar Roberto Bertin, por meio de
quem cumprimento todos os acionistas do grupo Bertin,

Meu caro Danilo Pereira da Silva, presidente estadual da Força Sindical,
Nossa querida Silene Maria Óbice, coordenadora regional da Central
Única dos Trabalhadores,

Senhor Eli Gonçalves Matos e senhor Severino Ramos do Nascimento,
por meio de quem cumprimento os trabalhadores e as trabalhadoras do Grupo
Bertin,



Meus amigos e minhas amigas,

Estou vendo aqui velhos companheiros, com o Darci Klein, estou vendo o Aírton Soares lá atrás. Quero dizer para vocês, antes de ler o meu pronunciamento, que foi nesta cidade, em 1979, em um congresso dos metalúrgicos, que nós tivemos a grata idéia de fundar o Partido dos Trabalhadores. Foi aqui nesta cidade que nasceu, Jorge Viana, a idéia de criar um partido que em apenas 20 anos chegou à Presidência da República.

Eu quero cumprimentar também, eu estou vendo o companheiro José Carlos Bumlai, que há mais de 3 anos quer que eu venha aqui conhecer o frigorífico, e hoje eu quero ver se tudo que ele me falou é verdade.

É conhecido o dito popular de que do boi se aproveita tudo, até o berro. Ou, como não se cansam de repetir os trabalhadores de grandes frigoríficos como este, dizem que aqui entra o boi e sai calçado, sai ração animal, sai cosmético e, a partir de agora, a gente vai poder dizer que entra o boi e sai o biodiesel.

Eu queria dizer para vocês, que cada vez que eu participo da inauguração de uma fábrica de biodiesel – seja ela de soja, mamona, girassol, pinhão manso, dendê, e agora essa novidade para mim, do biodiesel da gordura animal – é como se eu estivesse vendo um filho aprender uma nova palavra, porque o biodiesel já foi descoberto, inventado e patenteado há muito tempo. Aqui no Brasil o professor Expedito Parente o patenteou em 1975, mas de 1975 até 2003 isso não passava de uma tese para debates acadêmicos. Eu mesmo cansei de ser convidado para ver pequenas máquinas produzindo gotas de biodiesel, mas nunca tinha havido, da parte do governo, a decisão de transformar aquela possibilidade patenteada num produto industrial, gerador de empregos e libertador, neste País e no mundo, de uma energia que tem data marcada para terminar e que polui muito o Planeta.

E aqui é importante a gente render uma homenagem à ministra Dilma Rousseff, que foi a pessoa designada por mim para coordenar um grupo de



trabalho em que participaram mais de 60 pessoas, e foi ela quem organizou todo o marco regulatório da lei que mandamos para o Congresso Nacional. Quero agradecer aos deputados que aprovaram, até com uma certa rapidez, todo o Marco Regulatório do Biodiesel, que coloca o Brasil hoje no cenário mundial, não apenas pelas mazelas que tradicionalmente eram motivos de manchetes do Brasil no exterior. Hoje as pessoas, quando falam do Brasil, não falam apenas de carnaval, de samba ou de crianças de rua. As pessoas hoje aprenderam que este País não é só o país que inventou o avião, mas é o país que tem uma Embraer, é o país que tem uma Petrobras, é o país que tem o melhor sistema financeiro do mundo, é o país que tem uma das melhores agriculturas do mundo, é o maior exportador de carne, é um dos maiores exportadores de soja, é o maior exportador de minério e, hoje, com uma vantagem, estamos exportando tecnologia, produtos com valor agregado, e não apenas produtos *in natura*.

Possivelmente, poucos neste País tiveram a crença que teve a família Bertin, de que era possível transformar o Brasil no maior exportador de carne do mundo. Parecia uma meta inatingível e nós chegamos lá. E isso exige de nós um outro ingrediente, é que quanto mais nós somos importantes, mais responsabilidade nos serão exigidas. Quando a gente é pequeno, ninguém dá bola, pode fazer arte, pode fazer qualquer coisa. Quando a gente fica importante, cuidado, porque eles inventarão de tudo para competir conosco naquilo que nós estamos ganhando deles. Agora, como eles não podem criticar a qualidade da nossa carne, eles vão entrar com uma questão sanitária para tentar dizer que não vão importar a nossa carne. É por isso que o governo tomou a decisão de que não faltará dinheiro para a gente cuidar da questão sanitária neste País.

Mas prestem atenção em uma coisa. Não basta ter dinheiro, não basta ter disposição do governo se as pessoas que são donas de gado não tiverem a



responsabilidade de vacinar. Não adianta o casal trabalhar e levar dinheiro para casa, se depois alguém não faz a comida para as crianças comerem.

Então, é importante que haja uma boa parceria entre a disposição do governo de não permitir que falte dinheiro e fiscalização, e dos criadores brasileiros de fazer a lição de casa, porque quando alguém, em qualquer estado, comete o erro de não vacinar, outro estado que vacinou paga o preço da irresponsabilidade. Então, a nossa responsabilidade é muito maior, e aí entra essa coisa extraordinária que são os biocombustíveis. Não se preocupem com a minha ênfase em falar do biodiesel e do biocombustível.

Eu estava agora mesmo dando uma entrevista para um jornalista francês, foi muito rápida a entrevista, mas vem aquela velha história de que: “olha, nós precisamos tomar cuidado porque senão nós vamos invadir a Amazônia e nós vamos prejudicar a biodiversidade da Amazônia, vamos mudar o ecossistema.” Eu disse ao jornalista que seria importante que a gente olhasse o mapa-múndi do desmatamento dos últimos mil anos e fizéssemos o acompanhamento da evolução do desmatamento, para perceber que este País, muitas vezes tão agredido por erros de pessoas que de forma irresponsável fazem queimadas e desmatamento onde não deveriam fazer, ainda tem 69% da sua mata original preservada, enquanto os países ricos que tentam nos dar lição só têm 0,3% das suas florestas preservadas.

Obviamente que nós precisamos tomar cuidado, e o Ministro da Agricultura está cuidando disso para que a gente tenha um zoneamento agrícola e defina claramente quais as áreas em que a gente pode fazer o quê, porque num processo como esse, em que não estamos construindo apenas a riqueza de uma pessoa ou de um grupo, mas estamos construindo uma nação, é preciso que a gente olhe para o país que a gente deseja daqui a 100 anos. E é com essa visão que a questão do biodiesel entra na minha cabeça com uma paixão muito grande.



Há muito tempo o mundo fala em criar alternativas. Eu, desde moleque, não tinha nem um fio de cabelo branco, ouvia dizer que nós iríamos produzir carro a hidrogênio. Mas até hoje não conseguimos separar a molécula para tirar o hidrogênio para tocar o nosso carro. Nós começamos o Programa do Álcool na década de 70, e não começamos por uma opção de combustível, mas por um problema de preço de cana-de-açúcar no mercado internacional. Por isso, foi criado o Proálcool, que deu o resultado extraordinário que deu. Hoje estamos vendo o mundo olhar o Brasil com outro olhar. Não tem nenhum país do mundo que tenha a possibilidade de competitividade que tem o Brasil na produção de biocombustíveis. Não tem nenhum país do mundo que tenha a quantidade de terra agricultável que tem o Brasil, com a quantidade de sol, com a quantidade de água que, se soubermos usar corretamente, será infinita, e é por isso que exige de nós mais responsabilidade. E não tem nenhum país do mundo capaz de produzir essa alternativa com o mesmo preço do Brasil.

Agora, eu também não penso apenas no Brasil. É importante que a gente saiba que, hoje, praticamente 10 países detêm o monopólio de todo o petróleo do mundo, e 10 países servem ao restante do mundo. Com a introdução dos biocombustíveis, nós poderemos ter pelo menos 120 países do mundo produzindo biocombustível para o mundo inteiro. Já democratizamos a capacidade de produção. Eu não olho apenas para o Brasil, eu olho para a África, eu olho para a América Latina, eu olho para toda a América, para o Caribe, e vejo que é exatamente olhando o continente africano, olhando o continente latino-americano, que nós temos terra, água e sol para produzir combustíveis que nunca vão faltar.

Aí, inventaram a idéia de que isso é incompatível com a produção de alimentos. Ainda bem que a Nestlé está aqui e sabe que o problema de alimentos no mundo, o fato de ter 800 milhões de pessoas passando fome não é por falta de alimento, é por falta de renda para comprar os alimentos. Acontece que a produção dos biocombustíveis permite gerar emprego, gerar



renda e permite que a pessoa possa, também, comprar esses alimentos.

É importante também a gente olhar a revolução de uma empresa que produz biodiesel de gordura animal. Eu jamais imaginei que isso fosse possível. Agora está aqui o resultado, e é aquela história de São Tomé, eu preciso ver para crer. Está a fábrica aqui, estão os caminhões ali, e vão rodar 100 mil quilômetros para que a gente possa, no final, provar para a indústria automobilística e para a sociedade brasileira que é plenamente possível esses caminhões rodarem com 20% de biodiesel, seja de gordura animal, de soja, de mamona, de dendê, de girassol, de caroço de algodão, de pinhão manso. É tanta coisa que pode produzir biocombustíveis que os nossos países competidores terão que aceitar que o Brasil será imbatível nessa disputa, não pela quantidade apenas, mas pelo preço com que nós poderemos produzir essa matéria-prima.

E o que é mais importante, nem todo país tem tecnologia para fazer prospecção de petróleo. Uma plataforma de petróleo de 200 mil barris/dia custa 2 bilhões de dólares, não é qualquer um que faz, e ela gera 7 mil empregos na sua construção. Agora, imaginem que não precisa ter nenhum diploma de doutor, pode ser analfabeto. Nós não queremos que tenha analfabetos no Brasil, mas se não sabe mexer numa plataforma, qualquer um pode cavar um buraquinho de 30 centímetros, plantar uma semente e, depois de alguns meses, pode colher um óleo combustível que até hoje o mundo só conhece do petróleo. Essa é a revolução.

Quando fui fazer colheita de mamona, há um tempo desses, no Piauí, eu fiquei imaginando: que maravilha. A Petrobras precisa cavar um poço de 3 mil metros de profundidade, qualquer dia ela sai com um japonêsinho na broca, de tanta profundidade. Hoje, um cidadão do tamanho do Arlindo Chinaglia, não precisa ser muito grande não, pode plantar um pé de mamona, esticar a mão, colher, moer, preparar e fazer óleo diesel. É uma revolução extraordinária que nós estamos fazendo neste País.



Eu quero, Bertin, dizer ao seu João, dizer ao Vicente, que talvez seja o fundador deste projeto extraordinário, ao Henrique e a você, Bertin, que é gratificante para um presidente da República saber que no seu país tem empresários que perderam o medo de ser grandes, tem empresários que perderam o medo de fazer inovação tecnológica nas suas empresas, e tem empresários que têm disposição de competir com os maiores empresários do mundo. A gente vê a família Bertin, e vê que, embora o grupo tenha crescido, tenha ficado importante – eu vou ver a tal da bota que vocês produzem aqui, a comida que dura não sei quantos dias, eu vou ver se tudo é verdade – apesar de tudo isso, vocês demonstram que o crescimento da empresa e o aumento do patrimônio pessoal da família não mexeram com a cabeça de vocês. Vocês continuam simples, acreditando que precisam trabalhar cada vez mais para que o Grupo se transforme num grupo ainda maior, exatamente neste momento em que a economia brasileira não deixa dúvidas.

Eu fico pensando, Bertin, se você teria coragem de fazer tudo isso se a inflação estivesse a 40%. Eu fico imaginando se você teria coragem de fazer isso se o Brasil tivesse um déficit comercial como teve durante tantos anos na vida. Você só pode fazer isso porque a economia brasileira está vivendo um momento de sustentabilidade como nunca viveu neste País. Eu lembro do discurso do Darci Klein, que está aqui, do Aírton Soares, em 20 anos da nossa vida brigando contra a inflação. Todo mundo sabe que as revistas publicavam a imagem de um dragão para mostrar a inflação.

Eu lembro quantas vezes todo mundo aqui fez discurso e saía pela rua contra o FMI, contra a dívida do Brasil. Vejam que engraçado, hoje nós não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris. Tem uma crise que todo mundo viu na semana passada, a crise imobiliária dos Estados Unidos que, portanto, eles têm que resolver. Alguns tentaram vender a idéia de que a crise iria atingir o Brasil. E eu posso dizer para vocês que a nossa economia está mais sólida do que já esteve em qualquer outro momento. E nós só chegamos



a essa situação, Bertin, porque houve um momento em que as pessoas queriam que nós encontrássemos saídas fáceis para as coisas. E só Deus sabe o que nós fizemos, em 2003, para poder chegar em 2007 e a gente ter 160 bilhões de dólares de reservas, coisa que jamais, nem o Cypriano, que é banqueiro, nem os nossos companheiros empresários imaginaram que este País poderia ter.

E por que nós fizemos isso? O Ricardo Berzoini sabe, nós fomos aproveitando a queda do dólar, fomos comprando dólares, e fomos comprando a nossa dívida em dólar, o que é mais importante. Quando transformaram a nossa dívida vinculada ao câmbio, era o pior dos mundos, o dólar tossia e a gente morria. Então, nós resolvemos: vamos comprar tudo que a gente tiver em dólar, vamos ficar com a dívida em real. Isso nos dá tranquilidade para dizer a vocês do Grupo Bertin: continuem apostando porque o século XXI é o século deste País. Nós não jogaremos fora a oportunidade que foi jogada no século XX.

Nós continuamos afirmando que não há magia em economia. Não faremos nenhuma loucura, porque as pessoas, Bertin, são, às vezes, um pouco complicadas. Os exportadores vão lá conversar comigo e querem que eu aumente o dólar, os importadores querem que eu baixe; os vendedores de máquinas querem que eu aumente, os compradores de máquinas querem que eu baixe. Ora, não existe magia. Não é possível criar um dólar para o boi, um dólar para a soja, um dólar para a Nestlé, um dólar para o Bradesco, um dólar para a cana-de-açúcar, não é possível. É por isso que o dólar é flutuante. E vejam que engraçado, dois meses atrás, o dólar estava a 2,10 e as pessoas queriam que ele fosse para 2,30. Ele chegou a 2,80, depois foi a 2,12, hoje está em 2,04. E as pessoas falam: “Não vai cair?” Mas não queriam que caísse ontem. O governo não fará nenhuma magia porque não tem magia, o mercado vai tratar de regular esse dólar. Ele pode parar em 2, pode chegar a 2,10, pode ir para 1,90, para 2,15, para 1,85, não tem problema, um dia ele vai parar. E quando ele parar, nós teremos muito mais tranquilidade, os preços



ajustados.

E vou dizer mais, do ponto de vista do governo, eu só queria fazer um apelo aos empresários: que fizessem como o Bertin está fazendo, porque tem gente que: “ah, teve uma crise porque alguém não...” Cypriano, você que é banqueiro sabe que essa crise também se dá porque os cidadãos que apostaram em títulos de terceira categoria é como se tivessem ido jogar no cassino, foram para ganhar fácil e quebraram a cara. E não é justo o povo brasileiro pagar pela irresponsabilidade daqueles que querem ganhar dinheiro na agiotagem, não é humanamente justo, não é socialmente compreensível, porque as pessoas que aplicaram corretamente não perderam dinheiro e, certamente, o Bradesco não perdeu dinheiro nessa chamada crise imobiliária americana. Agora, quem tentou especular quebrou a cara, e vai quebrar sempre a cara quem acha que é possível ganhar dinheiro fácil, sem trabalhar. O dinheiro justo é aquele que é resultado de investimento correto, gerador de emprego, portanto, gerador de distribuição de renda, e é isso que vocês estão fazendo aqui.

E eu espero que a gente consiga colocar logo os 5%, depois os 10%. E eu posso dizer para vocês: estou convencido de que é apenas uma dúvida da indústria automobilística com o seu potencial tecnológico. Vou contar um dado para vocês aqui, que o Miguel Jorge está estudando. Nós fomos para a Europa e lá eu discuti com alguns empresários da indústria automobilística. Vocês sabem que na Europa eles estão produzindo o Euro 4. O Euro 4 é a sofisticação do motor do caminhão para diminuir a emissão de CO². Então, eu perguntei para uma empresa o seguinte: essa introdução de uma nova peça no motor que diminui a emissão de CO², encarece quanto o caminhão? Ele falou: “Encarece de 10% a 15%.” E quanto diminui, de CO²? “Três por cento, a emissão”. Então, eu disse para eles: “por que vocês não fazem um teste? Coloquem 10% de biodiesel nesses caminhões e vamos ver o que diminui mais a emissão de CO², se é o dispositivo de vocês, que encarece o carro, ou se é o



biodiesel que vai despoluir mais”. Esse teste está sendo feito, é só ver o que a cidade de São Paulo ganhou de diminuição de emissão de gases de efeito estufa com a criação do *flex fuel*. E é esse o instrumento que nós temos para ganhar o mundo.

Eu vou viajar muito este ano, vou viajar muito porque eu acho que quem quer vender tem que fazer propaganda do seu produto. Se a gente ficar aqui no Brasil dizendo: “eu sou pobre, tem muito desemprego, tem muita criança de rua, tem muita prostituição infantil, o Brasil não foi campeão do mundo”, achando que isso vai motivar alguém a vir comprar, eu vou dizer para vocês: não vai. Ninguém vai ajudar este País pela nossa miséria. As pessoas vão respeitar o País pelas nossas qualidades. E essas qualidades, nós estamos andando no mundo para vender. Esta semana eu tive o orgulho de ir à Jamaica inaugurar uma fábrica de desidratação de álcool para exportar para os Estados Unidos. Eu tenho dito, há três anos, aos empresários brasileiros: se os americanos têm uma taxa muito alta do nosso álcool, vamos produzi-lo ou vamos vendê-lo a partir da América Latina, a partir da América Central e do Caribe. Vamos ser criativos e vamos levá-lo, desidratar e vendê-lo. Quando o americano estiver dependente do álcool da cana, ele vai perceber que o milho é para encher o papo da galinha e a cana é para produzir açúcar e álcool.

Muito obrigado. Parabéns, Bertin, e parabéns à família.